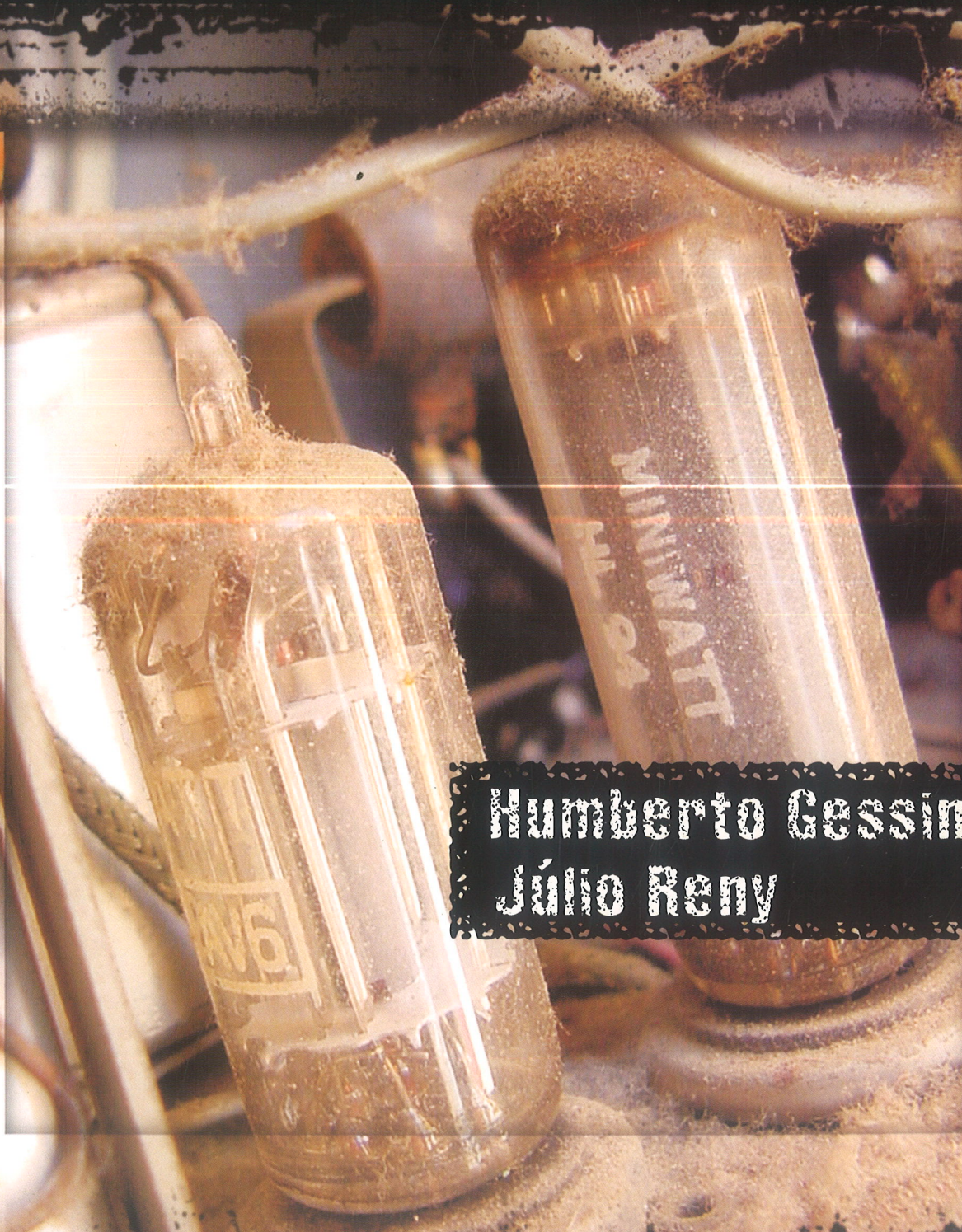


# CEEE/Som do Sul

Henrique Mann



fascículo nº 25



Humberto Cassinger  
Júlio Reny



Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



**Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann**  
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

**Coordenação Editorial: Mônica Kanitz**

**Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas**

**Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes**

**Transcrição de Partituras: Michel Dorfman**

**Revisão: Dione Detanico Buseti**

**Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga**

**Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico**

**Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto**

**Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga**

**Fotografias das Capas: Nilton Santolin**

**Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais**

**e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga**

**Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago**

**ALCANCE**

**Coordenação Gráfica: Rossír Berní - Editora Alcance Ltda.**

R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcance.com.br / e-mail: alcance@editoraalcance.com.br

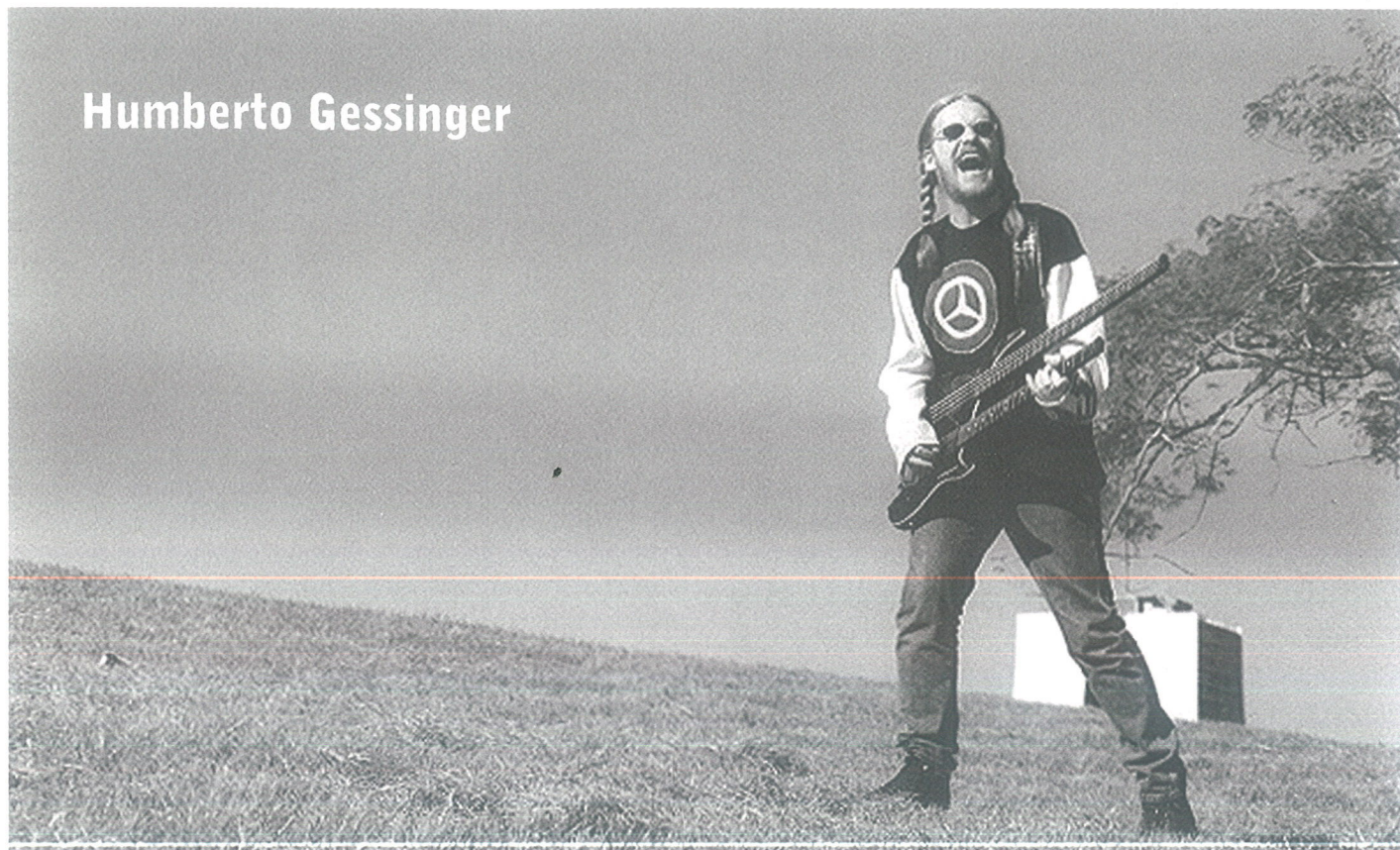
Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filha), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiara Jú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



## Humberto Gessinger



No Rock In Rio III, entre os milhares que compunham o público dos "Engenheiros do Hawaii", vários jovens vestiam camisetas do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense. Entrevistando-os, o jornalista Renato Mendonça (de Zero Hora) constatou que muitos deles eram oriundos de Minas Gerais, Espírito Santo, do nordeste e norte do Brasil. Torciam pelo Grêmio apenas por ser o clube preferido de Humberto. Este detalhe pode dar uma medida inusitada, porém fiel, de seu sucesso. Líder de uma das bandas mais poderosas da história do rock nacional, viveu (para o bem e para o mal) o limiar entre a sua popularidade individual e a da banda. Num exemplo raro de determinação, manteve tanto a força do nome "Engenheiros do Hawaii", quanto a do seu próprio. Ao lado de Teixeira, Elis Regina, Lupicínio Rodrigues, "Kleitton & Kledir", Gaúcho da Fronteira e, mais recentemente, Adriana Calcanhotto, compõe um seletivo grupo de músicos gaúchos que perpassaram as barreiras geográficas, políticas e culturais, impondo-se nacionalmente e fixando-se historicamente no panorama geral da música brasileira. Em 16 anos de carreira, tem sete discos de ouro e um de platina, totalizando aproximadamente três milhões de cópias comercializadas, entre discos de carreira e coletâneas. Em quantidade de discos vendidos, só é suplantado, no Rio Grande do Sul, por Teixeira (que vendeu, oficialmente, 18 milhões de cópias). Como não poderia deixar de ser, em caso de tamanha proporção, Humberto foi alvo de muitas críticas e centro de polêmicas. Sobreviveu a tudo quase incólume, preservando sua família e sua vida pessoal das vicissitudes do sucesso. Estranhamente encontrou alguns de seus mais ferrenhos detratores aqui mesmo no Rio Grande do Sul (Elis Regina também; teria sido por questão de temperamento?). Manteve, todavia, firme a sua trajetória e um orgulho ostensivo de sua origem gaúcha. O tipo físico ítalo-germânico, o sotaque, a intenção musical, tudo nele faz com que se identifique o rock de Porto Alegre à primeira vista.

O "Engenheiro Humberto", até agora, é o maior fenômeno fonográfico do rock gaúcho em todos os tempos, desde o seu início, nos anos 60. O espectro deste projeto compreende o período de 1950 ao ano 2001 e, neste meio século, Humberto representa, em composição, o mais bem sucedido exemplo, não apenas do rock, mas de toda a música urbana do Rio Grande do Sul (visto que Lupicínio começa em 1938). Considerando-se que ele ainda é jovem e também sua notável capacidade de sobrevivência artística, não será surpresa se algum fascículo de história da música colocá-lo nas mesmas condições daqui a 50 anos.

Henrique Mann - Editor



## Cronologia Biográfica: Humberto Gessinger

**1963** - Nasce em Porto Alegre, no dia 24 de dezembro, no hospital Ernesto Dorneles. Terceiro dos quatro filhos do professor de português Humberto Gessinger e da professora de História e Geografia Casilda Bacchi Minatti, respectivamente naturais de Santa Cruz do Sul e Nova Prata. As primeiras lembranças ligadas à música vêm de uma grande coleção de discos doada por um tio e da eletrola que dominava a sala de estar. Dentre os discos da eclética coleção, dois impressionaram de maneira especial: o do cantor gaúcho José Mendes (em especial a canção *Picaço Velho*) e a gravação de *Era um Garoto que como Eu Amava os Beatles e os Rolling Stones* pelo grupo "Os Incríveis".



**1969** - Ganha o primeiro violão, mas, por timidez, não quis frequentar aulas. Tornou-se autodidata em música, característica que carregaria por toda a vida. A primeira música que aprendeu foi *Era um Garoto...* que viria a gravar anos mais tarde, já consagrado.

**1970** - Ingressa na escola primária do Colégio Anchieta, onde o pai lecionava e onde estudaria até chegar à Universidade. Com exceção dos jogos de futebol, onde sempre jogava como goleiro, detestava a escola. É no primário que escreve as primeiras canções.

**1978** - Perde o pai, vítima de câncer. Começa a tocar guitarra. Adolescência com poucos amigos, muitos livros e discos.

**1979** - Já no segundo grau, após estudar três meses chorinho ao bandolim, faz uma pequena tentativa de expor seu lado musical. Vinha compondo há algum tempo, sem, no entanto, registrar sequer em gravador caseiro ou mesmo mostrar a alguém. Juntou-se, porém, a alguns colegas para formar um regional. Ensaiaram razoavelmente, mas nunca se apresentaram em público.

**1981** - Ingressa na Faculdade de Arquitetura da UFRGS.

**1985** - Em janeiro, durante uma greve estudantil, Centros Acadêmicos promoveram, entre outras atividades, apresentações musicais dos próprios estudantes. Colegas comuns reuniram Humberto (guitarra), Carlos Maltz (bateria) e Marcelo Pitz (baixo) para participar de um desses eventos, na escola de Arquitetura. Além dos três, Carlos Stein, outro colega, participou do show, tocando guitarra. A idéia era fazer algo escrachado. Humberto sugeriu o nome "Engenheiros do Hawaii" como uma brincadeira com o pessoal do curso de Engenharia. Montaram um repertório que consistia de versões roquenrol de *jingles* famosos, *Lady Laura* de Roberto Carlos e *Rebelde sem Causa* do "Ultraje a Rigor". Humberto compôs mais seis músicas, até hoje nunca gravadas.

O show foi um sucesso entre os estudantes e logo começaram a aparecer convites para tocar em outros



Primeira formação do "Engenheiros do Hawaii", 1985.  
Humberto, Marcelo Pitz e Carlos Maltz



Segunda formação, 1987: Carlos Maltz, Humberto e Augusto Licks.

eventos do ambiente universitário. "O primeiro show dos 'Engenheiros do Hawaii', dia 11 de janeiro, foi também a primeira vez que toquei para mais de três pessoas. Como pareceu fácil aquele negócio de música... não entendia por que os músicos profissionais queixavam-se tanto" diz hoje em tom de brincadeira.

Nos shows seguintes, Humberto começa a desovar o repertório construído desde os doze anos de idade. Na semana entre o primeiro e o segundo shows, começa a perceber que tinha encontrado um canal de expressão.

**1986** - Do circuito universitário, passam a excursionar pelo interior do estado, tocando em casas noturnas, universidades e ginásios. No meio do ano, gravam a primeira fita *Demo*, tocada pela primeira vez na Rádio Ipanema.

A gravadora RCA lança o disco *Rock Grande do Sul*, coletânea com cinco bandas gaúchas. Último grupo a ser selecionado, os "Engenheiros do Hawaii", participam com *Segurança* (H. Gessinger) e *Sopa de Letrinhas* (H. Gessinger - M. Pitz).

Dada a receptividade às músicas, a banda é convidada a gravar seu primeiro LP, *Longe Demais das Capitais*, em São Paulo. O disco é um sucesso que surpreende a própria RCA, chegando rapidamente ao disco de ouro e lançando a banda nacionalmente.

**1987** - Depois de mais de um ano de intensa turnê, Marcelo Pitz resolve sair da banda. Humberto assume o baixo, e Augusto Licks é convidado para ser o novo guitarrista. Gravam em São Paulo o disco *A Revolta dos Dândis*, título tirado do livro "O Homem Revoltado", de Albert Camus.

A exemplo da participação de Nei Lisboa no disco anterior, Julio Reny, músico gaúcho, divide os vocais com Humberto em uma canção.

**1988** - *Ouçá O Que Eu Digo: Não Ouçá Ninguém*

é gravado no inverno paulista. A banda já está firmemente estabelecida no cenário nacional. Fazendo shows durante o ano inteiro, os "Engenheiros do Hawaii" só saem da estrada para entrar em estúdio.

Em outubro, Humberto casa com Adriane Sesti. Os dois foram colegas no Colégio Anchieta e na Escola de Arquitetura; o namoro começou na faculdade em 84. O casal vai morar no Rio de Janeiro.

**1989** - Para registrar o sucesso dos shows, os "Engenheiros do Hawaii" gravam ao vivo, no Canecão (RJ), *Alívio Imediato*. O disco inaugura a tradição de gravar um disco ao vivo a cada três discos de estúdio.

Neste ano, são convidados a tocar na União Soviética. Foram cinco shows em Moscou ao lado de uma banda local que viria ao Brasil posteriormente. Com as mudanças no país, a banda, chamada "Café Preto", acabou não vindo ao Brasil.

Neste ano, ao lado da guitarra e do baixo, Humberto começa a tocar teclado nos shows.

**1990** - O ano começa com a participação no Festival Hollywood Rock, no estádio Morumbi em São Paulo e na Praça da Apoteose no Rio. Tocam na mesma noite da banda americana "Bon Jovi".



Com Gaúcho da Fronteira, 1991, no Palace, RJ.



Em julho, no Rio de Janeiro, é gravado *O Papa é Pop*, cujo tema principal são as contradições entre o sagrado e o profano. Neste disco, Humberto regrava *Era um Garoto que como Eu Amava os Beatles e os Rolling Stones*, canção que despertou seu interesse na infância.

A banda tocou a música, de brincadeira, pela primeira vez num comício da campanha de Leonel Brizola à presidência da República. Na capa do disco, uma foto do Papa tomando chimarrão na sua passagem pelo Rio Grande do Sul. Dois meses depois do lançamento, os "Engenheiros do Hawaii" recebem o Disco de Platina.

1991 - Em janeiro, participam da segunda edição do Rock in Rio, no Maracanã. Em agosto, *Várias Variáveis* é gravado no Rio de Janeiro. Mais uma incursão da banda na música tradicionalista gaúcha com a regravação de *Herdeiro da Pampa Pobre* de Gaúcho da Fronteira. O disco tem *video-release* dirigido por Cacá Diegues.

1992 - Em fevereiro, nasce, em Porto Alegre, a filha Clara. Em agosto, no Rio de Janeiro, é gravado GL&M, sétimo disco do "Engenheiros do Hawaii".

1993 - Participam novamente do Hollywood Rock, na mesma noite da banda "Nirvana". Em julho, com arranjos de Wagner Tiso e participação de vinte músicos da sinfônica, é gravado *Filmes de Guerra, Canções de Amor*, na sala Cecília Meireles, Rio de Janeiro. Segue a periodicidade de três discos de estúdio, um ao vivo. O show foi filmado e lançado em vídeo, junto com cenas dos shows que a banda fez no Japão (Nagoya e Iwata) e EUA (Los Angeles e San Diego) neste mesmo ano. O disco fecharia com chave de ouro a história fonográfica da segunda formação.



Terceira formação, 1995  
Horn, Casarin, Maltz, Deluqui e Humberto

1994 - O estresse de sete discos e sete anos na estrada estrepece a ligação entre Humberto e Carlos de um lado e Augusto Licks de outro. No início do ano, este sai da banda. Fala Humberto: "*O Augusto era um cara extremamente racional, cerebral. O Carlos era pura emoção, apesar de ser o cara mais inteligente que eu conheci, ou melhor, por isso mesmo. Augusto via a árvore e Carlos, a floresta. Por muito tempo consegui conciliar as duas visões, mas houve um momento em que a corda se partiu...*"

1995 - Acompanhados de Ricardo Horn (guitarrista colega de Humberto dos tempos de chorinho), Fernando Deluqui (ex-guitarrista da banda paulista RPM) e Paulo Casarin (veterano músico gaúcho), os engenheiros Humberto e Carlos gravam, em Los Angeles, *Simples de Coração*, disco produzido pelo americano Greg Ladaniy, ganhador de um Grammy.



"Gessinger Trio", 1996.  
Adal, Luciano e Humberto

1996 - Depois de finalizada a turnê de divulgação de *Simples de Coração*, Humberto grava, em Nova Iorque e no Rio de Janeiro, o disco *Gessinger Trio*. Neste projeto, paralelo aos "Engenheiros do Hawaii", ele é acompanhado pelos jovens músicos gaúchos Adal Fonseca (bateria) e Luciano Granja (guitarra). Como sempre, o lançamento é seguido de muitos shows.

1997 - Carlos Maltz sai do "Engenheiros do Hawaii", seguindo seu trabalho com astrologia e montando a banda "Irmandade". Humberto volta a morar em Porto Alegre e segue com os "Engenheiros do Hawaii", incorporando na banda seus colegas do "Gessinger Trio" e convidando o tecladista gaúcho Lúcio Dorfman para a gravação do CD *Minuano* no Rio de Janeiro. Kleiton Ramil toca violino em uma faixa do disco.

1998 - Os "Engenheiros do Hawaii" tocam pela primeira vez no Uruguai (Montevideo) e Argentina (Buenos Aires). Findo o contrato com a gravadora BMG, é lançada *Infinita Highway*, uma lata com os



Quarta formação, 1997.  
Adal, Humberto, Luciano e Lúcio.

dez discos remasterizados. Também é lançada *Video-Zoom*, coletânea dos clips da banda. No balanço: sete discos de ouro, um disco de platina, mais de 1000 shows percorrendo mais de 350 cidades. Humberto assina contrato com a Universal Music.

**1999** - Lança *!Tchau Radar!*, gravado no Rio de Janeiro e mixado em Los Angeles. O disco conta com arranjo de Jaques Morelenbaum.

**2000** - Depois de três discos de estúdio, novamente chega a hora do disco ao vivo. Desta vez, é *10.000 Destinos*, gravado em São Paulo e mixado em Buenos Aires. As gravações contam com as participações de Renato Borghetti e Paulo Ricardo.

Chega ao final do século XX como segundo maior vendedor de discos da história do Rio Grande do Sul, com, aproximadamente, três milhões de cópias.



Quinta formação;  
Humberto com  
Paulo Galvão,  
Bernardo Fonseca,  
Gláucio Ayal.

**2001** - Quinta formação do "Engenheiros do Hawaii". Novo CD *Surfando Karmas & DNA*, já masterizado e com lançamento previsto para março de 2002.

## Depoimentos

*" O que mais me fascinou sempre na música popular é aquele pequeno drama contido em três minutos. Picaço Velho e Era um Garoto... eram assim, um pequeno teatro, mini ópera... o gancho da letra é o que eu mais curto..."*

*" Sempre achei muito mais fácil fazer uma nova música do que cantar outros autores. Tenho a maior admiração pelos intérpretes e bandas covers, daqueles que tiram as músicas iguaizinhas. Admiro muito também o pessoal que consegue fazer jingles... são habilidades específicas que eu, absolutamente, não tenho. Morreria de fome se tivesse que fazer. Meu processo de criação é um mistério mesmo para mim... muitas vezes só descubro o que eu queria dizer com uma canção anos depois. Até gosto disto... este descontrole me faz temente a Deus."*

*" Talvez seja coisa de capricorniano, vencer barreiras, domar instrumentos, mas a verdade é que acho o processo mais importante do que o resultado final. Esta noção é muito importante para entender os 'Engenheiros do Hawaii'. O erro, o exagero, a insuficiência, fazem parte. Perfeição é coisa de quem vê muita TV."*

*" O nome 'Engenheiros do Hawaii' foi uma brincadeira que eu inventei para durar uma noite só. Havia outros... o que eu achava mais legal era 'Frumelo e os 7 Belos'. Em comum tinham a auto-ironia, um pouco do espírito da época, new wave, punk. Juntar dois ícones kitsch, coisa de estudante de arquitetura que se acha muito esperto. Se eu soubesse que ia tomar conta da minha vida..."*

*" Sobre vender discos, o mais importante é achar interlocutores, fazer uma ligação direta com o público, não depender das mídias, elas não são muito confiáveis. O artista precisa ser auto-sustentável... não se compreende bem isto aqui no Brasil e especialmente no RS. É fácil estourar, as fórmulas estão aí, o difícil é correr a maratona, manter a locomotiva alimentada. Isto eu fiz. Aqui no sul, a distância da indústria fonográfica fez crescer muitos mitos e uma certa arrogân-*



Com Renato Borghetti,  
na gravação do show 10.000 Destinos,  
em São Paulo.

Jaime Savite Jr.

Fotos cedidas por Humberto Gessinger.

*cia que atrasou muito a exposição da nossa cultura. Mas um dia vai transbordar..."*

*" Quando o segundo disco A Revolta dos Dândis vendeu só 70 mil no primeiro ano, ficou todo mundo decepcionado na gravadora. Mas eu toco as músicas do disco até hoje e até hoje o disco está em catálogo. O sistema é movido a novidades, acho isto muito monótono. Novidade em si não quer dizer nada. Pode até ser bom, mas não por ser novo... É lenda. Vivem me perguntando que novidades ando ouvindo; só vou saber se gosto de um artista depois do terceiro disco. Que fale quem tem que vender jornal todo dia; eu fora..."*

*" Quem não é do ramo, tem a ilusão de que o artista pode tudo... na verdade, somos e devemos ser bem mais limitados. Tu achas que Hendrix escolheu fazer aquele som? Ou o Pixinguinha? Eles não escolheram nem pensaram, foram prisioneiros daquela luz..."*

*" Nunca tive intenção de ser embaixador da música gaúcha... meu trabalho é individual, só falo por mim mesmo. Pelo sucesso pioneiro dos 'Engenheiros do Hawaí', fomos usados como fita métrica, como um parâmetro de comparação. Acho que muita gente se chateou com isso, mas é coisa do sistema agir assim, não tem nada a ver conosco."*

*" Meu lado cristão até se amarra nas críticas da imprensa... fico imaginando que o sofrimento me purifica. Mas na verdade, é um diálogo no vácuo, não existe... eu aqui, eles lá... Nietzsche dizia "quem não nos aniquila, nos fortalece", minha vó dizia "o que não mata, engorda". Não tenho saco pra fazer a crítica da crítica."*

*" Nos anos 60, no mundo inteiro, a força do cantor popular começou a ficar superdimensionada, como se fosse responsável por diretrizes filosóficas, sociais... mas, na verdade, somos bobos da corte...somos os bandidos, vivemos de melodias, acordes, coisas que não dá pra medir... o mais mainstream dos cantores, é mais underground do que o mais underground dos jornalistas..."*

*" Este nosso ofício é vendido como glamuroso, nem consideram ofício... mas sempre tive os pés no chão, quem me conhece, sabe... Já nasci velho, mas tenho remocado... acho que aos 70 anos vou chegar à adolescência."*

*" Quando chegamos no centro do país, diziam que éramos arrogantes, eu ficava de cara. Hoje entendo: nós, gaúchos, parecemos arrogantes mesmo. Mas acho que é insegurança diante de nossas potencialidades e de nossas decadências. Insegurança fantasiada de certeza."*



Eurico Salis

Com Nei Lisboa, em 1986.





# Toda Forma de Poder

Humberto Gessinger

1 EU PRES TO A TEN ÇÃO NO QUEE LES DI ZEM MAS E LES NÃO DI ZEM NA DA...

7 PI DEL E PI NO CHET TI RAM SAR RO DE VO CÉ QUE NÃO FAZ NA DA...

13 E EU CO ME ÇOA ACHAR NOR MAL QUEAL GUM BO ÇAL A TI RE BOM BA NAEM BAI XA DA...

18 SE TU DO PAS SA... TAL VEZ VO CÉ PAS... SE POR A QUI...

25 E ME FA ÇA... ES QUE CER... TU IDO QUEEU VI...

30 TO DA FOR MA DE PO DER É U MA FOR MA DE MOR RER POR NA DA...

36 TO DAA FOR MA DE CON DU TA SE TRANS FOR MA NU MA LU TAAR MA DA... A IHS

42 TÓ RIA SE RE PE TE, MAS A FOR ÇA DEI XAAHIS TÓ RIA MAL CON TA DA...

49 SE TU DO PAS SA... O FAS CIS MOÉ FAS CI NAN TE, DEI XAA GEN TE IG NO RAN TEE FAS CI NA DA...

55 É TÃO FÁ CIL IR A DIAN TER ES QUE CER QUEA COI SA TO DAFES TÁ ER RA DA...

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.





## Júlio Reny



Ilustr. digital: V. H. Diniz

**A** Rita Lee tem uma música que se chama *Orra Meu*, gravada no disco que lançou em 1982. E, nestas associações que às vezes insistem em aparecer na vida da gente, sempre que ouvia esta música, lembrava do Júlio Reny, mesmo o conhecendo muito pouco. O rock debochado da grande mãe do gênero no Brasil fala, entre outras coisas, que "roqueiro brasileiro sempre teve cara de bandido", que "essa vida é muito louca e loucura pouca é bobagem" e, ainda, "pego minha guitarra e não largo até Pompéia gritar: vou chamar a polícia..." Agora, lendo detalhes da biografia do Júlio Reny que está estampada neste fascículo, começo a perceber que a música de Rita Lee (inspirada nela própria) tem muito a ver com a trajetória de Júlio, um dos nossos maiores roqueiros.

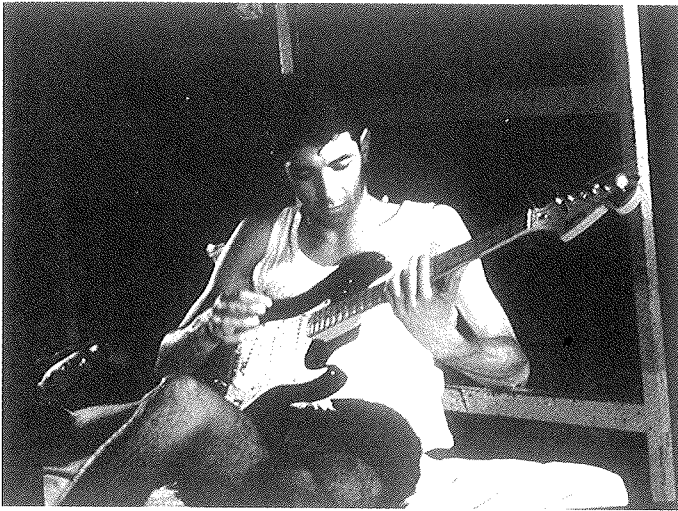
É interessante constatar que a primeira formação musical que Júlio Reny comandou se chamava *Uma Canção nas Trevas*. Ele havia passado por períodos difíceis; a cena que favoreceu o rock nacional na década de 80 recém começava a dar os primeiros indícios e Júlio estava decidido a viver de música. O rock pesado que ouvia na adolescência deu lugar aos discos de rock country que sempre nortearam o trabalho de Júlio e lhe deram o grande diferencial de sua carreira. Uma carreira, aliás, de altos e baixos, mas que transformou o compositor num autor e num artista original, com vontade e luz próprias. Isso fez com que Júlio obtivesse um reconhecimento nacional da crítica, mas daí a conquistar novos mercados, ele reconhece que não era fácil e nunca aconteceu.

Como destaca no seu depoimento, o negócio é "*jogar no Gauchão*", descobrir oportunidades no seu meio, entre os seus pares. No final dos anos 90, Júlio voltou aos palcos, ao público e à crítica com a banda "Cowboys Espirituais", fazendo um som novo com outros músicos que, como ele, querem propor algo diferente a partir de boas influências.

Esta página é uma colaboração de **Mônica Kanitz** - Jornalista



## Cronologia Biográfica: Júlio Reni Gay Barbo Júlio Reny



**1959** - Júlio Reny nasceu em 27 de fevereiro, em Porto Alegre, filho do barbeiro Reni Antunes Barbo e da funcionária pública Júlia Gay Barbo. Passa a infância na Cidade Baixa, e a música já entra em sua vida através dos pais que ouviam muitos discos em casa, e a irmã o levava com frequência ao cinema para ver filmes de Elvis Presley, "Beatles" e da Jovem Guarda.

**1965** - Um cunhado tocava o rock da época ao violão, em contraste com um tio que tocava músicas regionalistas. Aquilo desperta uma vontade danada de tocar, mas até aí nada. Ingressa no primário da Escola Estadual Idelfonso Gomes. Torna-se PM Mirim e convive com a caserna. Gostava disso, até porque lá jogava futebol.

**1969** - Ingressa na escolinha de futebol do Grêmio e logo depois na do Internacional como goleiro, onde permaneceria até 1973. Treina com muita dedicação (quase obsessivamente).

**1971** - Entra no ginásio do Colégio Estadual Winston Churchill. Os irmãos mais velhos apresentam-lhe o pop rock da época. Aí um desvio de conduta começa a manifestar-se. Júlio e um colega da escola começam a furtar discos em lojas. Isso até nem seria tão grave, não fosse uma coisa sistemática, mas era. Pelo menos o introduz definitivamente ao rock pesado: "The Who", "Pink Floyd", "Led Zepelin", "Black Sabbath" e etc...Torna-se também um contumaz brigão. Envolve-se em constantes conflitos de rua.

**1975** - Começa a cursar o segundo grau noturno. Busca emprego de dia. Afloram conflitos de consciência

que o fazem deixar os furtos de discos e as brigas. Logo uma confusão mental o levaria a uma internação em clínica psiquiátrica. Coisa de adolescente. Não usava droga, era só problemático mesmo. Ao sair da clínica, a família preocupada reúne-se para discutir sua situação. Júlio decide: queria ser músico. Ganha uma guitarra Mil Sons e um pequeno amplificador valvulado. Feliz.

**1976** - Reencontra dois colegas de ginásio e, com o irmão Paulo Renato (falecido em 1995), forma uma banda.

**1977** - Decidido a aprimorar-se, passa a estudar um pouco de violão clássico. Arranja um violão apropriado: Giannini branco laqueado, cordas de nylon. Passa a ouvir jazz e bossa-nova, com predileção por João Gilberto.

**1978** - Abandona o segundo grau escolar para dedicar-se à música.

**1979** - Depois de variar tanto suas preferências musicais, decide que Bob Dylan, Neal Yang e "The Band" seriam as diretrizes básicas do som de sua banda. Resolve compor e cantar dentro daquele estilo country-rock. Realiza, com estas composições, o primeiro show denominado "Uma Canção nas Trevas".



Júlio Reny e banda "Uma Canção nas Trevas".



**1980** - A banda resolve adotar o título "Uma Canção nas Trevas" e, sob esse nome, realiza (estranhamente) o show "Jazz & Blues" na Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Sucesso entre os estudantes.

Nasce sua filha Consuelo Valandro. Júlio passa a morar em uma casa cuja garagem tornou-se legendaria. Ele a alugava para ensaios e por ali passaram bandas como "Engenheiros do Hawaii" e "DeFalla".

Atua como coadjuvante no filme "Deu Pra Ti Anos 70", de Giba Assis Brasil.

**1981** - Desfaz-se a banda, e Júlio parte para um show com seu irmão e o baixista Ademir Frozi, no Clube de Cultura. Entitulava-se "As Estórias Elétricas de uma Guitarra Acústica". Independentemente dos resultados, que até eram bons dentro da proposta, Júlio fixa-se no meio artístico e frente ao público como personagem *underground*, polêmico em atitude, sem papo furado.

**1982** - Faz sua primeira gravação *demo* em fita, para tocar na Rádio Bandeirantes AM, futura Ipanema. A música era *Tomás e a Lagoa* e repercutiu razoavelmente bem. Reunifica a banda sob seu nome, no show "Aconteceu Durante o Verão", no Teatro I (rua Ramiro Barcelos). Grava nova *demo* em fita rolo, *Cine Marabá*. Sucesso na Band AM. Torna-se uma das mais tocadas e pedidas, chegando a tocar em várias rádios do Rio e São Paulo para onde mandava cópias *demo*. Antenado para este caminho alternativo que se abria, resolve gravar um álbum e reproduzi-lo em fita cassete.

Cria um "selo fonográfico" especializado em fitas cassete com a intenção de lançar também outros autores. O selo chamava-se Pirata Sulista.

Atua no filme "Verdes Anos", de Carlos Gerbase.

**1983** - O Pirata Sulista vai à falência vendendo poucas cópias de seu único título em catálogo: uma fita com capa produzida, contendo oito músicas, chamada *Último Verão*. E foi mesmo, pelo menos para o Pirata Sulista.



**1985** - Cria a banda "Km 0" com Edu K na guitarra, Paulo Renato na bateria, Fred na percussão e Júlio no contrabaixo. Com esta formação, gravam duas *demo-tapes*: *Não Chores*, *Lola* e *Amor e Morte*. Ambas estrearam em Porto Alegre. Tocavam direto nas rádios Atlântida, Cidade e Ipanema; nas outras, um pouco menos. *Não Chores*, *Lola* toca bastante no Rio, a ponto de Guilherme Arantes citá-la como referência sobre música do sul, porque gostava de ouvi-la na Rádio Fluminense. Começam a alternar com "Engenheiros do Hawaii" a abertura de shows. Um show no Gigantinho era considerado decisivo: o Rock Unificado I. Júlio sabia que olheiros de grandes gravadoras estariam lá com vistas a produzirem um disco sobre o rock do sul. Inexplicavelmente, a banda se apresenta mal. Tudo dá errado.

A partir dali, vários problemas pessoais afetam Júlio. O falecimento de sua mulher é o limite do seu inferno astral. Atua no filme "Quero Ser Feliz", de Sérgio Lerrer, no papel de um jovem recruta.



**1986** - Assume como vocalista da banda "Urubu Rei", liderada por Carlos Eduardo Miranda. Logo funde parte da "Km 0" com a "Urubu Rei", formando a célebre "Expresso Oriente" com Castor Daut e Flávio Santos (futura célula do "DeFalla"). Júlio Reny e o "Expresso Oriente" tornam-se referência do rock gaúcho e da atitude *underground*. As coisas começam a dar certo, e a estratégia das *demo-tapes* para rádios volta a funcionar. *Maomé* e *Garota do Carro Vermelho* tocam com frequência nas rádios jovens locais e a banda emplaca nos shows.

Júlio ataca de radialista na Ipanema FM como produtor, atingindo o primeiro lugar no Ibope com *Negras Melodias*.



**1987** - A banda é reformulada. Entra o produtor Moacir que a coloca nos caminhos do interior do RS, Rio e São Paulo. Lá começam a tocar seu repertório em programas de TV e a realizar shows.



**1988** - Júlio atua em papel principal no filme "Vicious", curta de Rogério Ferrari. Com a banda, grava duas faixas na coletânea *Rio Grande do Rock* da SBK.

**1990** - Júlio Reny e o "Expresso Oriente" gravam LP independente.

**1991** - Monta nova banda: "Júlio Reny Guitar Band", começando a trabalhar com Frank Jorge em composições e arranjos. Grava vários *video-clips* e *demo-tapes*, fixando-se bem com o *clip Mil e uma Noites* na MTV. Segue como radialista na Ipanema FM e faz muitos

shows até 1996.

**1997** - Desponta na TV Bandeirantes de Porto Alegre com o personagem "Cowboy do Deserto" no programa "Folharada", fazendo crônicas e comentários de filmes. Frank Jorge, Márcio Petracco e Júlio, sob o nome de "Cowboys Espirituais", gravam de improviso duas músicas para a namorada de Júlio: *Uma Mulher* e uma versão de *Como é Grande o Meu Amor por Você*, de Roberto Carlos.

**1998** - A *demo* toca bem no rádio, e a brincadeira fica séria. Os "Cowboys Espirituais" gravam o *hit Jovem Cowboy* para a coletânea *As 15 Mais da Ipanema*, estourando em todo o sul. Concluem um álbum e são contratados pela gravadora Trama que lança nacionalmente o CD *Cowboys Espirituais*, puxados por *Jovem Cowboy* que conquista o Prêmio Internacional de Revelação da América Latina do CMT (Country Music Television) de Miami/EUA.

**1999** - Realiza vários shows sobre o disco no RS, Rio de Janeiro e São Paulo.

**2000/2001** - Reedita em CD seus principais trabalhos incluídos na fita *Último Verão* (do falido Pirata Sulista) e no vinil *Júlio Reny e o Expresso Oriente*. Frank Jorge parte para carreira solo, e Júlio lança o projeto "Júlio Reny canta Roberto Carlos", com sucesso de público na noite de Porto Alegre. Os "Cowboys Espirituais" gravam seu novo disco *De Luxe*, pela Stop Records.





Júlio Reny, Carlo Pianta, Sérgio "Bolada" Rodrigues e Frank Jorge.

## Depoimentos

" Sempre ouvi muita música internacional, mas minha primeira referência de música gaúcha foi José Mendes. Eu ouvia obsessivamente a música Carrancho. Os discos dele eram bons, eram muito engraçados ou muito tristes. Eu vi os filmes do Teixeira e 'A Morte não Marca Tempo' de José Mendes. Depois, já na adolescência, aquele pessoal do 'Vivendo a Vida de Lee' era uma coisa maravilhosa. Era um sonho ouvir Fernando Ribeiro, Hermes Aquino e Carlinhos Hartlieb de madrugada no rádio. Depois, quando vi o 'Bixo da Seda', aqueles caras cabeludos e som pesado, e eu um guri ali no meio, com medo, pensei: 'pô, o Brasil também é legal'. Claro, a minha referência ainda estava no rock internacional. Mas quem me marcou muito especialmente foi o Fernando Ribeiro. Eu ia a todos os shows dele."

" Recentemente gravei uma música de José Mendes. Fiz um 6/8 com cara de rock. Quando toco uma música de outro autor que eu gosto, eu roubo ela pra mim. Foi o que aconteceu; senti como se fosse minha. Foi muito legal gravar alguém que foi referência musical na minha infância. A letra também tem tudo a ver comigo, Vai Embora, Tristeza."

" Compor, para mim, é por fases. Tem épocas que as músicas caem do céu, e se eu não estiver com a guitarra perto, eu as perco. Em outras ocasiões, sofro. Quando tenho que produzir para um show ou para um disco, aí é labuta. Faço vários esboços que acho ruins, mas, depois de um mês, tomam forma e tenho três ou quatro músicas que considero prontas. Funciono por períodos. Uma composição é uma coisa fechada em si mesma que tem que se comunicar com os outros; é como um livro, um quadro, isso é composição para mim."

" O Humberto Gessinger matou a charada de cara em Longe Demais das Capitais. No centro do país, nós, gaúchos, somos vistos quase como argentinos. Para chegar bem nos grandes centros, tem que morar lá. Hoje, aqui no sul, tem público para todos os gostos. É como no futebol. Aqui a gente joga no 'Gaúcho', barro, chuva, vento e frio, mas dá para sobreviver. A gente tem que cumprir etapas. Agora, quando vai jogar lá, tem que jogar pra ganhar. Tenho uma teoria de que é preciso ganhar o campeonato gaúcho pra depois jogar o brasileiro."

" Como radialista, fui um experimentador. Foi legal, porque fiz muitos amigos e realizei um sonho de botar a voz no microfone e ser ouvido ao vivo por milhares de pessoas; é diferente de rodar uma música que foi gravada. Criei personagens e programas, ousei muito justamente por não ser um radialista, mas um músico fazendo rádio. Então podia fazer o que desse na cabeça. Acho que hoje eu nem conseguiria fazer de novo aquilo."

" Fazer o show cover do Roberto Carlos foi uma experiência legal. Não imitei o cara, interpretei a obra dele com minha própria linguagem. Mas fiz um grande laboratório antes. Ouvi todos os discos, vi todos os filmes e acho que cheguei bem perto da psiquê dele. Daí realizei um sonho de criança, porque me criei curtindo Roberto Carlos. Quando canto uma música dele, sempre penso em alguma coisa que tem a ver comigo."



Júlio Reny, Frank Jorge e Márcio Petracco: "Cowboys Espirituais".



"Tive fases de estar muito perto da cena central do Brasil, vários músicos citaram meu nome em revistas nacionais e grandes autores me citavam, mas isso nunca refletiu em resultados práticos."

"Nunca compus para um grupo determinado, para um tipo de público específico, pelo menos não conscientemente. Talvez agora com os 'Cowboys' eu esteja fazendo isso, mas é uma coisa natural. Eu acho que meu lance é longevidade artística. Já fiz cinema, teatro, rádio e TV, mas sou músico e mais ainda compositor, só posso ser sobrevivente, não é?"

"Como ator não sou muito bom. Fiz uns dois filmes bons e o resto foi canastrice."

"Pra ser músico, é preciso ter mais que talento musical. É preciso ter talento para lidar com a indústria, com a comunicação, com a esperteza, saber como se promover e como se manter depois. Tem que ter um talento acima do próprio talento. Quando se é fiel aos próprios códigos, a gente consegue, mas tem que ter talento e muita sorte também."

"É uma vida difícil, tem que saber sobreviver, e não adianta ser só esperto. Não sei se iria querer essa vida para um filho meu. Cheguei a passar fome, mas sobrevivi. Jamais pensei em desistir, mas é uma coisa minha, não aconselho para ninguém, nem desaconselho."





# Não Chores, Lola

Júlio Reny

1 *Am* NÃO CHORES LO... LA *Dm* UM CO RA ÇÃO PAR TI DO NÃO *E*

7 *Am* É O FIM... *Dm* SÃO TAN TAS LU SÔES *Am* A NOS RE: DI MIR... *Dm* DE TEN TAR A

13 *Am* MES MA PRO CU RA DE NO VO... *Fm* SO NHOS SÃO...

17 *Em* MA... NE QUENS EM VI TRI NIS *Fm* O BE DE

21 *Em* CIN DOOS NOS SOS DE SE JOE *Dm Em Am* NÃO, NÃO, NÃO, NÃO CHO RES LO LA

28 *Dm* UM CO RA ÇÃO PAR TI DO *E* NÃO É O FIM... *Am* VO CÉ VAI COM FRAR *Dm*

35 *Am* UM VES TI DO NO VO *Dm* VAI MU

41 *Am* DAR O FEN TI A DO *Am* VAI FU MAR *Am<sup>7</sup>* GU TRO CI *Am<sup>7</sup>* GAR RO *Am<sup>6</sup>*

44 *Fm* MAS O QUEM FOR TAE A CA MA VA ZI A *Em* UM FIL... *Fm*

49 *Em* ME SEM LU SÔES *Dm Em Am* NÃO, NÃO, NÃO, NÃO NÃO CHO RES LO LA *Dm* UM CO RA ÇÃO PAR TI

57 *E* DO NÃO É O FIM...

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.





## Índice

## Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	.....	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	.....	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	.....	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	.....	- Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	.....	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	.....	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") /Berenice Azambuja	.....	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	.....	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	.....	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	.....	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedu	.....	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	.....	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	.....	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	.....	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	.....	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	.....	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro	.....	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleitton & Kledir (especial) **	.....	- Cuias
19- Plauto Cruz/Fogaça	.....	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	.....	- Parede de Taipá
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	.....	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	.....	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	.....	- Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia	.....	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	.....	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	.....	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	.....	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	.....	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	.....	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	.....	- Gaita

\* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

\*\* Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou poprock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleitton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

\*\*\* O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farrroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



# Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

**LIC**  
Lei de  
Incentivo  
à Cultura  
Estado do Rio Grande do Sul



**CEEE**  
[www.ceee.com.br](http://www.ceee.com.br)



**GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL**  
Estado da Participação Popular  
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações  
Secretaria de Estado da Cultura